

ARTIGO LIVRE

A esplanada corbusiana de Reidy para o Castelo (1938)

Reidy's corbusian project for Esplanada do Castelo

THIAGO SANTOS MATHIAS DA FONSECA

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduando em Patrimônio Cultural no CEFET/RJ.

thiagosmfonseca@gmail.com

RESUMO: Este artigo busca investigar a influência dos princípios corbusianos no projeto elaborado por Affonso Eduardo Reidy para a Esplanada do Castelo no Rio de Janeiro em 1938. A proposição, apesar de pouco discutida nos círculos acadêmicos, apresenta grande relevância na medida em que constitui a primeira proposta em escala urbana divulgada nos grandes meios de circulação que adotava princípios modernistas. Tais princípios estavam alinhados com o discurso e obra de Le Corbusier, que, como veremos, exerceram grande fascínio em Reidy e foram apropriados no projeto objeto desta discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Reidy; castelo; urbanismo.

ABSTRACT: This article intends to investigate the influence of Corbusian principles in the project developed by Affonso Eduardo Reidy for Esplanada do Castelo in Rio de Janeiro in 1938. The proposition, although rarely discussed in academic context, has great relevance as it constitutes the first proposal on an urban scale disseminated in important magazines that adopted modernist principles. Such principles were aligned with the speech and work of Le Corbusier, who, as we shall see, exercised great fascination in Reidy and were appropriated in the project object of this discussion.

KEYWORDS: Reidy; castelo; urbanism.

Introdução

A produção do arquiteto e urbanista Affonso Eduardo Reidy é um dos marcos fundamentais das manifestações do Movimento Modernista na cidade do Rio de Janeiro. Seu repertório arquitetônico, que inclui vários projetos não realizados, é frequentemente destacado pelo forte viés urbanístico na medida em que a escala, bem como a relação com o entorno imediato, são fatores decisivos no desenvolvimento do partido adotado (BONDUKI, 1999; BRUAND, 1991). Dos projetos urbanos, os mais conhecidos são, sem dúvida, o concebido para a Esplanada de Santo Antônio, que foi implementado de forma fragmentada e sucessivamente alterado ao longo de décadas, e o Aterro do Flamengo, elaborado com Lota Soares, que se valeu do desmonte do referido Morro.

No portfólio de Reidy, entretanto, há outro projeto dessa modalidade com projeção substancialmente menor nos círculos acadêmicos: trata-se do projeto jamais construído para a Esplanada do Castelo, publicado na Revista Municipal de Engenharia em 1938 (REIDY, 1938), disponível no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Nele, percebem-se soluções de influência claramente corbusiana às quais Reidy acrescentou a sua leitura, traduzindo as diretrizes defendidas pelo arquiteto franco-suíço à realidade que se apresentava na região do Castelo no final da década de 1930. Neste artigo, pretende-se resgatar em um momento inicial os princípios preconizados por Le Corbusier nos planos elaborados para Paris e para cidades idealizadas; os contatos de Reidy com esses princípios, os projetos de Corbusier para o Brasil e sua influência na obra publicada na Revista Municipal de Engenharia para, enfim, proceder à análise propriamente dita do projeto para a Esplanada do Castelo.

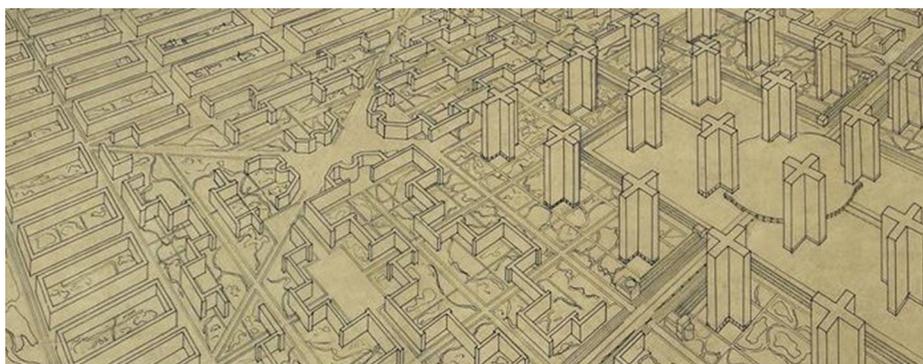
A Questão Urbana em Corbusier

Le Corbusier é considerado, junto com Walter Gropius e Mies van der Rohe, um dos mais célebres mestres da arquitetura modernista (BENÉVOLO, 2020). A influência de seus ensaios, livros e obras foi extraordinária no século XX (BENÉVOLO, 2016), e se disseminou nos círculos arquitetônicos caracterizada pelo forte viés vanguardista, rompendo com todas as noções relacionadas não apenas à cidade

tradicional, mas também ao modo de projetá-las, ditado pela Academia. Apesar da obra que lhe permitiu projeção internacional, *Vers une Architecture* (Por uma Arquitetura), publicada em 1923, apresentar viés arquitetônico, em *Urbanisme* (1925) ele amplia seu raciocínio à cidade (Ibidem). De forma semelhante, ao longo das décadas de 1920 e 1930, Corbusier idealizou utopias urbanas que ensejaram o escândalo da sociedade e introduziram um repertório inovador às possibilidades projetuais naquela escala.

A primeira dessas propostas foi ***Une Ville Contemporaine de 3 millions d'Habitants*** (1922), apresentada a pedido do Salon d'Automne de Paris (Ibidem). Trata-se de uma cidade sem nome em terreno genérico, plano, sem quaisquer resquícios de vinculação com a realidade concreta de uma urbe ou sociedade existente: a *Ville Contemporaine* é um modelo. Esse posicionamento, marcado pela escolha de um local idealizado, foi por si só uma ruptura, e está baseado no pressuposto, anunciado anteriormente nas obras corbusianas, de que a I Guerra Mundial foi o ponto de partida de uma tábula rasa na qual era possível o desenvolvimento de uma nova era marcada pela padronização em massa (CAÚLA, 2009). Para Corbusier, era necessário que a Arquitetura e o Urbanismo se apropriassem dos instrumentos da Era Maquinista, utilizando a tecnologia oriunda da Revolução Industrial em favor do bem-estar do homem.

Figura 1: Une Ville Contemporaine, Le Corbusier. Fondation Le Corbusier, ref. 30830



Esse desejo em *Ville Contemporaine* se traduz pela forte padronização. Tal estratégia, a nível do arruamento, é traduzida por uma malha ortogonal simétrica e rígida, cuja única concessão é a presença de quatro vias diagonais, e na qual são empregados cruzamentos em níveis, evitando semáforos e diminuição da velocidade dos automóveis (Ibidem). Já nas tipologias arquitetônicas, percebemos a utilização de três modelos (ver figura 1): o *gratte-ciel cruciforme* (arranha-céus em forma de cruz), isolados nas quadras; os edifícios *en redent*, que poderiam abrigar tanto escritórios quanto apartamentos, e os *immeubles-villas*, que lembram os edifícios tradicionais, nos quais era previsto exclusivamente o uso residencial (LAMAS, 2007). E isto é tudo: são esses três tipos que se repetem no projeto, os quais poderiam ser multiplicados quantas vezes fossem necessárias, obedecendo, portanto, ao princípio de padronização.

Segundo Lamas (2007), “mais interessado em expor uma visão arquitetônica da cidade do que analisar o organismo urbano, a atenção de Le Corbusier centra-se no desenho dos edifícios e sua envolvente imediata”, e não necessariamente nas soluções de caráter urbano. Assim, apesar de ser um projeto revolucionário, a completa ausência da quadra, característica da obra corbusiana, não é alcançada: a delimitação pelas ruas e, principalmente, a massa edificada dos *immeubles-villas*, tornam esse elemento morfológico ainda reconhecível na proposta.

Sobre os edifícios *en redent* é válido breve comentário na medida em que será reproduzido na obra de Reidy. De acordo com Cubero (2016), esse tipo é o único que se transforma e sobrevive na obra de Corbusier; outros, como o próprio *gratte-ciel cruciforme* e *immeubles-villas* desaparecem para dar lugar a novos, tal qual a *unité d'habitation*. Trata-se de um modelo flexível, que conta tanto com áreas abertas quanto fechadas, e o qual, ainda segundo o mesmo autor, o arquiteto franco-suíço utiliza para pontuar o espaço, de modo que a população, principal fruidora da cidade, não perca a noção de escala. É interessante assinalar ainda que seu formato, ora côncavo, ora convexo, alterna um alinhamento tradicional próximo à via e o descolamento total em relação a ela, corroborando o raciocínio de flexibilidade exposto por Cubero. Nos espaços vazios criados pelas concavidades, é utilizado com frequência paisagismo que lhes confere características de praças.

Por ocasião da Exposição Internacional de Artes Decorativas, também em Paris, Le Corbusier apresentou o **Plan Voisin (1925)**, sua primeira proposta de caráter urbanístico para um local concreto – isto é, existente – e que foi aperfeiçoada até 1946 (BENÉVOLO, 2016). As premissas são as mesmas de *Une Ville Contemporaine*, mas dessa vez aplicadas à Paris. Portanto, notamos os mesmos modelos de edifícios, malha ortogonal e uma atitude projetual que ignora sistematicamente o contexto urbano existente e afasta qualquer possibilidade de menção à cidade tradicional, de modo que persiste a ideia de uma tábula rasa e, por conseguinte, a reprodução de um local ideal em uma ilha em meio à maior cidade da França. Isso significaria demolição completa da área, que escandalizou a sociedade. Não obstante, segundo Lamas (2007), não se tratava de proposta visando realização direta e imediata, e sim uma discussão de uma aplicação metodológica.

Cinco anos depois, por ocasião do VIII Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), Le Corbusier apresentou seu projeto para **La Ville Radieuse (1930)**. Tal como *Une Ville Contemporaine*, *La Ville Radieuse* não tem lugar, não tem nome, não existe e exerceu extraordinária influência na arquitetura do período pós-guerra (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2017). Vemos aqui “recusa de levar em conta toda limitação específica [oriunda] da implantação” (Ibidem, p. 131, tradução livre), com um terreno representado por um plano genérico e abstrato. Nessa tábula rasa, mais uma vez constam os *gratte-ciel cruciformes*, de uso administrativo (CAÚLA, 2009), e uma profusão surpreendente de edifícios *en redant*, que substituem os *immeubles-villas* e criam uma dinâmica de espaços vazios inédita. É mantida a ortogonalidade e a padronização e idealizado ainda um subúrbio industrial, separado do restante da cidade por um cinturão verde.

Uma das grandes diferenças desse projeto em relação aos anteriores é a extensiva aplicação de pilotis – ou seja, construções suspensas por colunas esbeltas – criando espaços que se apresentam totalmente permeáveis. A hierarquização dos fluxos alcança níveis mais sofisticados, separando-os em níveis com o intuito de torná-los eficientes: as ruas se tornam máquinas de circulação (Ibidem) completamente segregadas dos pedestres. Assim, percebemos que as referências da cidade tradicional vão se extinguindo paulatinamente

com o amadurecimento da sua obra, e a proposta se torna um mar verde atravessado por vias de comunicação e pontuados por construções. A *Ville Radieuse* é, para Lamas (2007), composta de obras arquitetônicas em escala urbana nas quais o desenho da cidade se adapta à residência materializada por meio das edificações, já que o contrário – o meio ditando a arquitetura – não careceria de sentido por se tratar de terreno abstrato.

Influências, trocas e traduções dos princípios corbusianos

De forma paralela, no Brasil também começavam as manifestações do Modernismo na Arquitetura e Urbanismo. Em 1925, foram publicados dois artigos – um em São Paulo, intitulado *A Architectura e a Esthetica das Cidades*, de Rino Levi, defendendo que “os velhos sistemas já fizeram sua época” (LEVI, 2020, sem paginação); outro no Rio de Janeiro denominado *Acerca da Arquitetura Moderna*, de Warchavchik, advogando pelo racionalismo e pela padronização industrial (WARCHAVCHIK, 1925). Nessa mesma época, Grigori Warchavchik, autor do segundo artigo, fazia experimentações arquitetônicas no eixo Rio-São Paulo que foram precursoras do Modernismo (BRUAND, 1991).

Affonso Eduardo Reidy, por sua vez, ingressou em 1926, com 17 anos, no curso de Arquitetura da Escola de Belas-Artes, no qual se graduou em 1930 (BONDUKI, 1999), ambiente no qual, apesar da extensiva presença do academicismo tradicional, já começavam a surgir questionamentos e contestações. O próprio Reidy teria lido *Vers une Architecture* em 1928, quando entrou em contato com as ideias corbusianas (CAVALCANTI, 2008). Posteriormente, em 1929 Le Corbusier veio ao Rio de Janeiro, onde proferiu palestras aos jovens estudantes de arquitetura. Se por um lado essa primeira passagem pelas terras cariocas não é tão noticiada e impactante quanto seu retorno em 1936, podemos inferir, a partir da fala de Reidy, que foi um momento de inflexão na sua formação acadêmica:

Aqueles que por temperamento ou por feitio intelectual desejassem conhecer as razões de ser do que se estudava, isto é, a teoria da arquitetura, tinham que apelar para outras fontes, que não

a da escola. Foi o que sucedeu comigo. Através dos livros, das revistas, e da razão a qual submetia judiciosamente tudo quanto via, lia, ouvia, fui construindo o edifício da minha doutrina. Nesta fase da construção, tive o concurso inesperado e oportuno da presença de Eugene Stinhof e do notável Le Corbusier. Senti que se firmava uma convicção e simultaneamente crescia a minha revolta ante a orientação falsa que era estimulada na escola [de Belas Artes] (REIDY, 1933, apud BONDUKI, 1999)

Também Alfredo Britto em entrevista (FREIRE; OLIVEIRA, 2002) atribui proeminência à passagem de Corbusier naquele ano, afirmando que sua figura “se tornou mitológica para aquela turma, que organizou grupos de estudo para discutir e tentar obter mais referências” (p. 16). Nesse sentido, a duradoura influência exercida pelo Edifício Viaduto, idealizado por Le Corbusier em 1929 para o Rio, nos conjuntos habitacionais de Reidy corroboram a ideia de que esse ano foi importante na absorção dos princípios modernistas.

Entre 1930 e 1931, Lúcio Costa assumiu a diretoria do Curso de Arquitetura, implementando um ensino que buscava romper com o academicismo tradicional. Na ocasião, convidou Reidy para lecionar, junto com Warchavchik, na cadeira de Composição de Arquitetura, na qual permaneceu como titular até 1932, quando passa a ser funcionário da Prefeitura, já que seu colega nunca chegou a assumir as aulas (CAVALCANTI, 2008).

Durante a década de 1930, o arquiteto elaborou propostas que expressavam, em nível arquitetônico, a apropriação das diretrizes modernistas. A primeira de grande projeção foi o Albergue da Boa Vontade (1932), elaborado junto com o arquiteto Gerson Pinheiro, na qual já se pronunciam alguns elementos como as esquadrias em fita e grandes vãos enquanto expressão da estrutura de concreto armado. Após 1932, já no serviço público, vários dos projetos de Reidy passaram a circular na recém-criada Revista Municipal de Engenharia, e que oferecem amostra da evolução da sua linguagem projetual.

Em **Ante-Projecto de um edifício destinado a conter dependências de Serviços Municipais**, Reidy (1932) expressa cuidado com a padronização dos elementos construtivos da construção, facilitando a posterior etapa de obras e seguindo a tendência modernista voltada à industrialização da construção civil. Para justificar a forma, cita tex-

tualmente Le Corbusier e adota partido que não está alinhado de forma paralela a todas as testadas do quarteirão, além de adotar, mais uma vez, janelas em fita. Posteriormente, naquela que seria, segundo Bonduki (1999), uma segunda versão da proposta, Reidy (1934a) opta por uma implantação mais ousada, criando prismas vazios que buscam romper com a cidade tradicional através de uma volumetria em formato de “h”, a qual apresenta horizontalidade característica da obra corbusiana desse período. Já em **Projeto para a construção de sede da Diretoria Geral de Engenharia**, Reidy (1934b) expressa preocupação em relação ao “aproveitamento racional do terreno” (p. 4), tirando partido de uma implantação que é determinada pelo princípio da insolação e, tal qual *Une Ville Contemporaine*, a presença ou não de janelas é orientada por tal princípio.

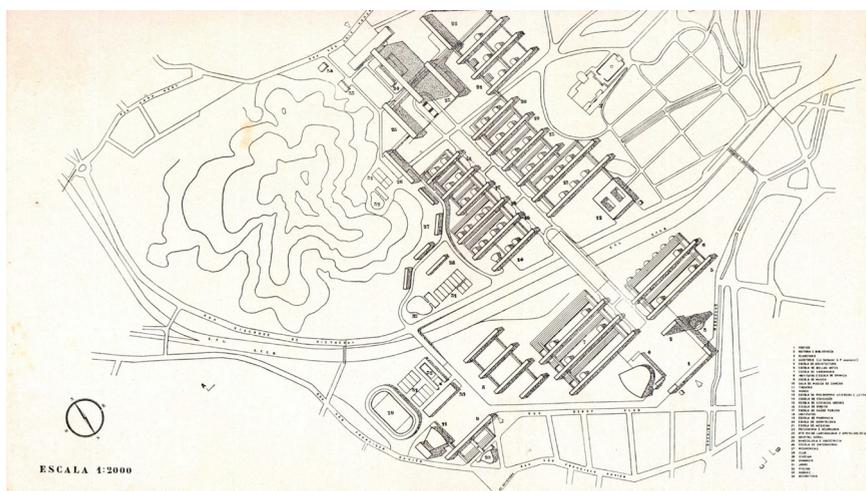
Essas experimentações, não obstante, são de cunho arquitetônico. A proposta de maior escala coincide com a segunda visita de Le Corbusier ao Rio de Janeiro em 1936. Nesse ano, sob pretexto de proferir palestras relacionadas a arquitetura moderna, o arquiteto franco-suíço foi convidado, por sugestão de Lúcio Costa, para prestar consultoria para o desenvolvimento de dois projetos: a nova sede do Ministério da Educação e da Saúde (MES) e a Cidade Universitária da Universidade do Brasil (HARRIS, 1987). Os amplos estudos existentes sobre o assunto, bem como a escala da proposta, nos permitem focar no projeto da Cidade Universitária, de dimensão urbana.

Antes disso, é pertinente tecer breves comentários sobre as palestras proferidas por Le Corbusier. Ocorridas no Instituto de Música entre junho e agosto de 1936, as seis conferências, das quais Reidy provavelmente participou, versaram, de uma maneira geral, sobre o futuro funcionamento ideal das cidades contemporâneas. Já mais sistematizado do que na década de 1920, o raciocínio de Le Corbusier se apoiava amplamente na radical transformação da morfologia das cidades: defendia os pilotis como premissa básica da arquitetura, possibilitando que o solo ficasse livre para o trânsito de pedestres e construção de equipamentos de lazer. O programa da cidade seria abrigado por grandes torres sem comprometimento com qualquer noção de lote ou quadra, possibilitando acesso a elementos considerados cruciais: o sol, áreas verdes e amplitude do espaço. As vias, já concebidas enquanto máquinas de circulação, estariam completamente segregadas do pedestre, possibilitando deslocamentos rá-

pidos. Sobretudo, as transformações urbanísticas intencionadas iriam propiciar a completa transformação da sociedade, que teria condições de utilizar a tecnologia a favor dos trabalhadores, os quais dispormiam de mais tempo livre.

Em relação à **Cidade Universitária**, foram duas as propostas da equipe – uma resultante da consultoria direta de Le Corbusier, outra já revista apenas pelos membros brasileiros; em ambas, houve a participação de Reidy. A versão corbusiana do projeto adota diretrizes de caráter generalizador, e o terreno escolhido, a Quinta da Boa Vista, se torna, nas peças gráficas, uma ilha recortada na paisagem, com desenhos que não representam de fato a cidade do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2006). Corroborando a ideia de uma cidade abstrata, de forma semelhante os eixos viários sugerem prolongamentos de caráter indefinido que se perdem junto à cadeia de montanhas; já os caminhos internos, sempre dispostos de maneira diagonal às construções, proporcionam uma apreensão dos blocos de maneira diagonal, evitando pontos focais (Ibidem). Em relação às edificações, foi adotado o emprego extensivo de pilotis, alinhado com essa fase da obra de Le Corbusier, bem como uma solução mista que alterna entre duas grandes lâminas isoladas e blocos menores lineares, incluindo alguns poucos edifícios *en redent*.

Figura 2: Projeto da equipe brasileira para a Cidade Universitária Brasileira



Fonte: COSTA et al., 1935, p. 131

A versão revista dos membros brasileiros, publicada na Revista Municipal de Engenharia (COSTA et al., 1935) é totalmente distinta. Em função do princípio de padronização, quase todos os blocos são idênticos, constituídos por blocos de acentuada horizontalidade com térreos em pilotis e eixos de circulação vertical na parte externa. Esses prédios, o contrário da primeira versão, são dispostos em um eixo central muito bem definido, o qual define um percurso pelo campus pontuado por duas lâminas, e que é iniciado por um pórtico e finalizado junto ao hospital. Oliveira (2006) entende que os membros da equipe brasileira, ao estruturarem a composição do projeto por meio do grande eixo, buscaram minimamente articular a interface entre a cidade existente e o campus, pontuando de forma clara os acessos e respeitando os limites do terreno. De forma semelhante, o mesmo autor identifica a utilização de estratégias acadêmicas – *marche*, o percurso ritmado, e *tableaux*, planos que controlam tal percurso – como indício de que a equipe compreendeu a cidade moderna como continuidade e síntese do legado da urbe existente.

A Esplanada do Castelo e o Projeto de Reidy

Com a demolição do Morro do Castelo por ocasião do centenário da independência, foi criada uma grande área vazia em pleno centro financeiro da capital brasileira o qual as construções provisórias da Exposição Internacional de 1922 não foram capazes de preencher. Esse contexto ensejou a proposição de vários projetos urbanos para aquela área nos anos 1920 que resultaram em uma intensa discussão sobre como deveria ser a sua ocupação, gerando um impasse entre os profissionais brasileiros (FONSECA, 2019). A solução encontrada pela prefeitura e apoiada por amplos setores das elites sociais e profissionais foi a contratação de Alfred Agache para a elaboração de um plano geral para cidade, precedida pela realização de palestras em 1927 (Ibidem). O projeto, entregue em 1930, aprovado em 1932 e revogado em 1934, tinha como principal setor a Esplanada do Castelo, resultante da demolição do Morro, mas foi implementado de forma fragmentada, de modo que no final da década de 1930 os terrenos compreendidos entre a atual Av. Presidente Antônio Carlos, a Praça XV e a linha da costa encontravam-se vazios (Ibidem).

Figura 3: Projeto de Reidy para a Esplanada do Castelo (planta)



Após a instauração do Estado Novo em 1937, o interventor Henrique Dodsworth criou a Comissão do Plano da Cidade por meio do Decreto 6.092, de 08 de novembro daquele ano. Naquele momento da década de 1930, os arquitetos cariocas se mostravam mais receptivos aos princípios modernistas, os quais foram adotados em vários projetos arquitetônicos construídos na cidade, e de maneira mais ampla foram divulgados nos periódicos, como a própria Revista Municipal de Engenharia que, segundo Bonduki (1999), se tornou um instrumento de expressão modernista frente a uma realidade de clientes que, de uma maneira geral, demonstravam resistência em acolhê-la. Não obstante, em nível de projeto urbano ainda eram incipientes as experimentações sob essa ótica. Rezende (2004) afirma que mesmo que “alguns princípios do urbanismo modernista, como a separação de roadways para veículos e pedestres, a concentração em torres e a ausência de lotes subdivididos não são nem usados em projetos” (p. 4).

É nesse contexto que se insere a proposta de Reidy para o Castelo. A ocupação dessa região, que se arrastava por mais de uma década, era prioritária e estratégica para a Comissão do Plano da Cidade tanto por uma questão política, em função dos interesses imobiliários, quanto por uma questão econômica, já que havia a expectativa de que a venda de lotes pudesse financiar as grandes obras do governo na capital (FONSECA, 2019). O projeto, apesar de jamais construído, foi publicado na Revista Municipal de Engenharia em 1938 e compõe parte importante do repertório projetual daquele tempo, uma vez que um projeto urbano carioca dessa dimensão e de caráter modernista era então inédito nos grandes meios de circulação.

Reidy (1938) reporta-se inicialmente ao Plano Agache, reconhecendo sua importância:

O plano Agache destinava aquela parte da cidade a seu principal centro de negócios. As edificações foram projetadas obedecendo aquele objetivo, sendo adotado o critério das áreas internas coletivas, que deveriam substituir as pequenas áreas individuais. Indiscutivelmente, tal sistema, embora já tivesse sido posto de lado pelos estudos realizados em países mais adiantados, entre nós constituiu um sensível progresso, comparado com as precárias condições com que vinha sido construída, até então, a nossa capital. (REIDY, 1938, p. 604)

Se por um lado o autor indica que o Plano Agache representava condições urbanas mais desejáveis e salubres das que haviam sido desenvolvidas na cidade até o início do século XX, por outro entende que a morfologia urbana adotada por Agache – ou seja, quadras de ocupação periférica com miolos livres – seriam inadequadas ao estágio da modernidade em que se encontravam as discussões urbanísticas. Nesse sentido, usa nominalmente a expressão “rua corredor”, anteriormente utilizada por Le Corbusier ainda nos anos 1920, para designar o partido adotado pelo antigo plano de 1930, criticando a “orientação defeituosa, deficiência da iluminação e ventilação, propagação de ruídos, ausência de vista para o exterior, etc.” (Ibidem, p. 605). É interessante notar o peso que Reidy dá à “vista para o exterior”, a qual Corbusier enfatizou categoricamente em suas palestras de 1936, como vimos anteriormente.

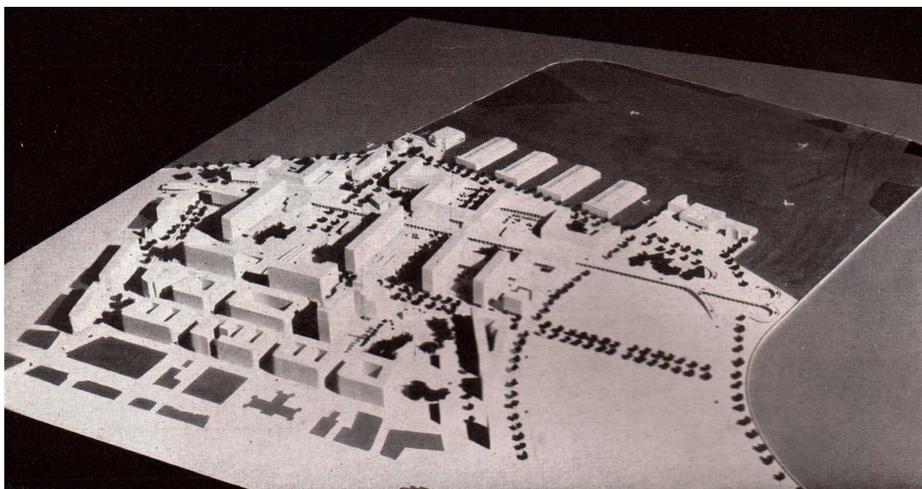
A solução de tráfego adotada parte do princípio da necessidade de eficiência da ligação entre as Zonas Norte e Sul do Rio de Janeiro, que já havia sido esboçada, segundo o próprio autor, por Agache. Reidy nos informa, na mesma linha de raciocínio, que Le Corbusier, durante sua estada em 1936, também voltou os olhos para a questão do ordenamento urbano da cidade, indicando a ligação entre as Zonas como crucial e coincidindo com as direções do Plano Agache, ainda que “partindo de princípios diametralmente opostos” (Ibidem, p. 606). Em relação ao funcionamento das vias, expõe as seguintes estratégias projetuais:

Le Corbusier parte do princípio da separação do tráfego rápido, do local, e eliminação dos cruzamentos de nível, com a criação de auto-estradas elevadas. Vias essenciais de penetração, cujas condições devem satisfazer as exigências mais modernas do tráfego automovel, proporcionando a segurança requerida para grandes velocidades.

Uma vez fixado o esquema das vias essenciais de comunicações, esse (sic) será a base de qualquer plano parcial de expansão ou transformação da cidade. (REIDY, 1938, p. 606 – grifos meus)

Percebemos, pois, que Reidy considerava que o ponto de partida não só da sua própria proposta, mas como qualquer bom plano urbano alinhado com os princípios da modernidade, origina-se necessariamente das premissas corbusianas, com soluções de tráfego que se reportam aos projetos urbano-conceituais de Corbusier nas décadas de 1920-1930, como vimos.

Figura 4: Projeto de Reidy para a Esplanada do Castelo (maquete).



REIDY, 1938, p. 604.

Uma via elevada de maior proeminência é responsável por efetivar a ligação Norte-Sul e faz as vezes da Perimetral, que foi posteriormente construída com traçado distinto e lindeiro à linha da costa. Tão importante era o princípio da alta velocidade que, na seção onde o percurso cortaria o projeto de Reidy, não há previsão de alças (ver figura 3). De maneira paralela, a Av. Presidente Antônio Carlos, então denominada Av. Santos Dumont, seria uma via auxiliar, ao rés do chão, com um grande cruzamento em nível na altura da Av. Almirante Barroso.

Em relação à tipologia arquitetônica adotada, podemos verificar o destaque indiscutível dos edifícios *en redent*. O arquiteto brasileiro, não obstante, vai além na exploração desse tipo e faz experimentações com a altura das edificações, que variam entre 25 e 55 metros de altura, conferindo-lhes nova dinâmica (ver figuras 3 e 4); grandes lâminas, em função da demasiada proximidade com o aeroporto, são dispensadas. Nos blocos mais altos, era previsto o uso administrativo-governamental, e nos menores o comercial. Em três quadras, a influência da experiência junto à equipe brasileira e Le Corbusier na elaboração da sede do Ministério da Educação e da Saúde (MES, também conhecido como Palácio Gustavo Capanema) se faz mostrar na medida em que também foram empregadas edificações isoladas na qua-

dra, com blocos menores perpassando-os de maneira perpendicular acoplados a auditórios que se abrem em direção à rua. Quase todos os prédios são lançados sobre pilotis, premissa fundamental de Le Corbusier, ainda que adaptados à necessidade de lojas comerciais no térreo, alocadas de maneira recuada à projeção das edificações.

A observação mais ampla da proposta nos releva distinções e originalidades em relação à composição do conjunto frente às obras corbusianas. Se os projetos de Corbusier denotam grande rigidez e ortogonalidade, Reidy flexibiliza esses aspectos em parte por conta da necessidade de adaptar a proposta à cidade existente. Longe de qualquer eixo de simetria, o que percebemos são vias que se ajustam ao desenho curvo da costa e edifícios *en redent* que se rebatem apenas parcialmente, e que são estrategicamente dispostos junto às vias de maior velocidade, visando dinamizar a sua apreensão visual. Com a concavidade formada por prédios de quatro quadras, é idealizada uma grande praça de escala gigante cuja intenção parece estar mais voltada ao estabelecimento de um grande cruzamento e estacionamento subterrâneo do que para fruição dos pedestres. As reentrâncias dos *redents* são aproveitadas para abrigar estacionamento no sentido de atendê-los. O resultado, apesar da expressão original de Reidy, é um espaço urbano com elementos corbusianos e sem nenhuma menção à “rua corredor”.

Há outro aspecto ainda mais interessante no projeto. Se em Le Corbusier vemos de maneira reiterada uma intenção generalista e conceitual, com vagos terrenos planos, cidades idealizadas em lugar nenhum, repetições *ad eternum*, Reidy teve de lidar com um contexto distinto no qual seu projeto precisaria necessariamente resolver de maneira satisfatória a interface com a cidade existente. Isso resultou em soluções interessantes, algumas as quais já foram mencionadas como adaptação à sinuosidade da costa, ligação norte-sul, altura das edificações. Entretanto, talvez a resposta mais surpreendente tenha sido dada no lado voltado para a região onde foi implementado, de maneira fragmentada, o Plano Agache. Podemos perceber que houve preocupação em articular a transição entre a malha de ruas daquela região com as grandes vias projetadas, realizadas através do entroncamento com a Av. Santos Dumont. Porém, para além disso, consciente de que, apesar de longe de estarem totalmente ocupados, os lotes do Plano Agache estavam apenas parcialmente construídos, Reidy replicou e completou os quarteirões

nos locais em que estes se encontravam vazios, mesmo apesar de suas ressalvas pessoais em relação a essa morfologia urbana. Se por um lado é razoável inferir que a estratégia poderia estar atrelada a lotes já vendidos, por outro notamos que outros locais, como onde se localiza a Santa Casa de Misericórdia, isolada do conjunto, foram eliminados da proposta sem qualquer cerimônia, possivelmente por não contribuírem para a transição do tecido urbano.

Considerações finais

Os princípios modernistas e, de maneira especial, os corbusianos, encontraram campo mais propício para aplicação na Arquitetura do que no Urbanismo. No caso da Esplanada do Castelo não foi diferente: a proposta de Reidy jamais foi levada a cabo. Alguns fatores podem ter contribuído para tanto: a) a própria resistência em relação à aceitação em relação a tais princípios; b) necessidade de obtenção de espaços mais significativos de área construída. Sobre o último, devemos lembrar que, ainda que Corbusier previsse um aproveitamento de 110% do terreno, ele dependia de edificações de grande altura, o que Reidy não poderia ter alcançado em virtude das restrições de gabarito.

O fato é que para a região a Comissão do Plano da Cidade adotou um plano de características conciliadoras entre princípios modernistas e tradicionais, proposto por José de Oliveira Reis, e que foi implementado através do Projeto de Alinhamento nº 3.085 (FONSECA, 2019). Nele, as edificações são contíguas e adjacentes às ruas, voltando à noção de rua corredor, ainda que em proporções muito mais amplas. Alguns elementos do Plano Agache foram retomados, como o escalonamento e o tratamento monolítico dos prédios. Curiosamente, esse mesmo tratamento que confere unidade à quadra foi aliado ao desenvolvimento da quadra tradicional, que ganhou formato linear, emulando os blocos horizontais modernistas.

Apesar de não ter sido implementado, o Plano de Reidy para o Castelo foi importante na medida em que buscou aplicar os elementos corbusianos em um projeto de escala urbana, inédito até então. Afinal, assim como as contribuições de Corbusier, mais teóricas e conceituais do que práticas, também o projeto de Reidy, publicado na Revista Municipal de Engenharia, certamente exerceu influência no imaginário urbanístico daquele período enquanto primeira proposição de seu tipo.

NOTAS

¹ Não será considerado o teor da Carta de Atenas, já que, apesar de ser oriunda do CIAM de 1933, foi publicada apenas em 1941 (BENÉVOLO, 2016), ou seja, depois do projeto de Reidy.

² Le Corbusier usa o temor para se referir ao mundo pós Revolução Industrial.

³ Ainda segundo CUBERO (2016), trata-se de um tipo arquitetônico oriundo dos *boulevards à redans*, de Eugène Hénard. Na obra de Corbusier, teria aparecido pela primeira vez como *rue à redans* em *Vers une Architecture*, e posteriormente empregado como *lotissements à redents* no projeto para La Roche (1920-1922), antes de se consolidar como edifício *en redent* em *Une Ville Contemporaine*.

⁴ Le Corbusier apresentou a proposta para os sucessivos governos que se alternaram em Paris e na França no período entreguerras e na Segunda Guerra Mundial.

⁵ Trata-se aqui da versão inicial, mostrada na imagem. O projeto foi reiteradamente revisado e ao longo dos anos foi substancialmente alterado.

⁶ Ainda no final da década de 1920, outra influência se fez presente em Reidy: trata-se de Alfred Agache, para quem trabalhou no Plano de Remodelação do Rio, e do qual herdou a visão ampla e técnica sobre a cidade (CAICHETA, 2002).

⁷ As informações do trecho referente às Palestras têm como base as transcrições existentes no Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), nas pastas de referência GC pi Le Corbusier.

⁸ É possível inferir tal informação na medida em que os integrantes da equipe que projeto com Le Corbusier participaram como ouvintes das conferências.

⁹ Muitos arquitetos, em função da falta da regulamentação da profissão no Brasil, fizeram forte campanha para a contratação de um brasileiro, assim como parcelas de outros setores, e a questão também foi, por isso, um ponto de inflexão. Ver também SILVA, L. 2003.

¹⁰ Apesar da revogação, o Plano continuou sendo aplicado na região através de Projetos de Alinhamento, que asseguraram sua

existência de forma mais veemente entre as atuais Av. Nilo Peçanha, Av. Presidente Antônio Carlos, Av. Rio Branco e Av. Beira Mar, ainda que haja vestígios da sua aplicação em outras partes. Ver FONSECA, 2019.

¹¹ A Perimetral foi demolida em 2014, por ocasião dos preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016.

¹² Tive a oportunidade de desenvolver melhor essa ideia no âmbito de monografia de Conclusão de Curso (FONSECA, 2019).

¹³ O próprio Reidy posteriormente teve a oportunidade de novamente aplicar esses princípios em seu projeto para o Morro de Santo Antônio, implementado de forma bastante fragmentada.

BIBLIOGRAFIA

AGACHE, Alfred. **Cidade do Rio de Janeiro: Extensão, Remodelação e Embellezamento**. 1 ed. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1355316/or1355316.pdf>; acesso em 04/08/2018.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BONDUKI, Nabil (Org.). Affonso Eduardo Reidy. **Série Arquitetos Brasileiros**. Lisboa, Blau, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, 2 ed.

CAICHETA, Eliane. Uma Arquitetura para a cidade: a obra de Affonso Eduardo Reidy. **Arqtexto**. Porto Alegre: n. 2, 2002. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Eliane.pdf>; acesso em 12/03/2021.

CAÚLA, Adriana Mattos de. **Trilogia das**

Utopias Urbanas: Urbanismo, HQ's e Cinema. Dissertação (doutorado em Urbanismo). Faculdade de Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2009.

CAVALCANTI, Cynthia Caroline E. **S. Affonso Eduardo Reidy:** reciprocidades. Dissertação (Mestrado em História da Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <www.proarq.fau.ufrj.br/public/editor/TESES_E DISSERTACOES -PDF/CavalcanteCynthia-Affonso_Eduardo_Reidy-Reciprocidades.pdf>; acesso em 12/03/2021.

CONDURU, Roberto. Razão em Forma: Affonso Eduardo Reidy e o espaço arquitetônico moderno. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: n. 2, 2005, pp. 24-37. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i2p24-37>>. Acesso em 12/03/2021.

COSTA, Lúcio et. al. Universidade do Brasil: Anteprojecto. **Revista Municipal de Engenharia**. Rio de Janeiro, n.3, vol. IV, pp. 120-139, maio, 1935.

CUBERO, J. González . Endurance and transformation in Le Corbusier's redent. **Journal of Architecture and Urbanism**. Vilnius: vol. 40, pp. 60-74, jun, 2016.

FREIRE, Américo; OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

FONSECA, Thiago. **Permanências do Plano Agache: discussão, formação e prática da disciplina de Urbanismo no Rio de Janeiro (1927-1945)**. Monografia (graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

HARRIS, Elizabeth Davis. **Le Corbusier:** Riscos Brasileiros. São Paulo: Nobel, 1987.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 4 ed., 2007.

LEVI, Rino. A Architectura e a Esthetica das Cidades. O Estado de São Paulo, 15 de outubro de 1925. Transcrição in: **Ocupação Rino Levi (catálogo de exposição)**. Itaú Cultural: São Paulo, 2020, fevereiro, pp. 56-59. Disponível em: https://issuu.com/itau cultural/docs/web_public_rl/58; acesso em 24/08/2020.

MOREIRA, Fernando Diniz. The Rebuilding of the center of Rio de Janeiro during Vargas Period (1930-1945). In: **International Planning History Society Conference**, 15., 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/iphs/abstractsAndPapersFiles/Sessions/12/MOREIRA.pdf>>; acesso em 12/03/2021.

OLIVEIRA, Rogério de Castro. Jogos compositivos na Cidade dos Prismas: Universidade do Rio de Janeiro, 1936. **Arqtextos**. Porto Alegre: n. 9, 2006, pp. 40-53. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22245>; acesso em 12/02/2021.

PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. **Formes urbaines:** de l'îlot à la barre. Marseille: Éditions Paranthèses, 2017.

PEREIRA, Margareth da Silva. Pensando a metrópole moderna: os planos de Agache e Le Corbusier para o Rio de Janeiro. In: **Cidade, povo e nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 363-376.

REIDY, Affonso Eduardo. Ante-Projecto de um edificio destinado a conter dependencias de Serviços Municipaes. **Revista Municipal de Engenharia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, pp. 2-3, junho, 1932.

_____. Estudo para o Palacio da Prefeitura do Distrito Federal. **Revista Municipal de Engenharia**. Rio de Janeiro, n.5, vol. 11, pp. 3, julho, 1934.

_____. Projeto para construção da sede da Diretoria Geral de Engenharia. **Revista Municipal de Engenharia**. Rio de

Janeiro, n.5, vol. 11, pp. 4-9, julho, 1934.

_____. Ministerio de Educação e Saude Publica. **Revista Municipal de Engenharia**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 18, pp. 511-514, julho, 1935.

_____. Urbanização da Esplanada do Castelo. **Revista Municipal de Engenharia**. Rio de Janeiro, ano 3, n.5, vol. V, pp. 604-607, setembro, 1938.

REZENDE, Vera L. F. M. The experience of Modern Urbanism in the city of Rio de Janeiro. In: **International Planning History Society Conference**, 11., 2004, Barcelona. Anais... Barcelona: 2004. Disponível em: <<http://www.etsav.upc.es/personals/iphs2004/pdf/abs/rezende-vera.pdf>>; acesso em 12/03/2021.

SILVA, Lúcia. **História do Urbanismo no Rio de Janeiro**: Administração Municipal, Engenharia e Arquitetura dos anos 1920 à Ditadura Vargas. E-papers: Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Pedro Souza da. A trajetória de Revista Municipal de Engenharia, o planejamento urbano e a circulação de novas ideias urbanistas no Rio de Janeiro (1930-1945). **Revista Cantareira**. Niterói: 26 ed. jan-jun, pp. 108-120, 2017. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/>>; acesso em 22/05/2019.

WARHAVCHIK, Grigori. Acerca da Arquitetura Moderna. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: edição 09438, seção 2, 01 de novembro de 1925, p. 9. Transcrição disponível in: <https://www.archdaily.com.br/br/01-148964/manifesto-acerca-da-arquitetura-moderna-slash-gregori-warchavchik>; acesso em 11 de abril de 2020.